

---

# O “GIRO IDEALISTA” DE HUSSERL E SUA RECEPÇÃO NO PENSAMENTO DE EDITH STEIN

---

*Mak Alisson Borges de Moraes<sup>1</sup> e Tommy Akira Goto<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Com a publicação da obra *“Investigações Lógicas”*, o filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) apresentou pela primeira vez a Fenomenologia. Diante da crítica empreendida por Husserl às filosofias que considerava relativistas, alguns estudiosos da época viram na nascente Fenomenologia um resgate da idéia de verdade absoluta e uma aproximação das filosofias tradicionais, o que chamou a atenção de diversos estudiosos que se reuniram em torno de Husserl formando o chamado Círculo de *Göttingen*. No entanto, ao aprofundar em suas investigações, o filósofo concentrou o âmbito de pesquisa da Fenomenologia na consciência transcendental e no problema da constituição. Diante disso, foi duramente criticado por seus discípulos, que o acusaram de um retorno às filosofias idealistas, crítica essa que ficou conhecida como “giro idealista”. Sendo assim, propõe-se no presente artigo uma discussão a respeito da recepção desse “giro idealista” de Husserl no pensamento de sua discípula Edith Stein (1891 -1942). Para tal investigação foram

---

<sup>1</sup> Psicólogo, mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia na linha de pesquisa psicologia da saúde, Graduado em Psicologia pela mesma universidade, estudante-pesquisador da linha de pesquisa Contribuições da Fenomenologia à Psicologia: investigação fenomenológica dos fenômenos psíquicos Grupo de Pesquisa do Cnpq/Capes. Email: makalisson@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor Adjunto II da Universidade Federal de Uberlândia, Doutor em Psicologia Clínica (PUC-Campinas), Mestre em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), Co-Presidente da Associação Brasileira de Fenomenologia, Membro-colaborador do Circulo Latinoamericano de Fenomenologia (Clafen), Membro-assistente da Sociedad Iberoamericana de Estudios Heideggerianos (SIEH). Pesquisador do Grupo de Pesquisa da UFU – CNPQ/CAPES “Contribuições da Fenomenologia de Edmund Husserl e Edith Stein à Psicologia: fenômenos psicológicos” e Autor de livros sobre Psicologia Fenomenológica e Fenomenologia da Religião pela Editora Paulus. Email: prof-tommy@hotmail.com

utilizados alguns textos da filósofa onde ela discorre a respeito dessa questão. A partir da análise dos textos, constatou-se que, ao contrário dos demais discípulos, Stein apresentava uma visão mais ponderada em relação ao “giro idealista” de Husserl. A filósofa aceitou algumas análises de seu mestre, todavia, foi além e desenvolveu sua concepção autônoma, buscando complementar o projeto husserliano ao esboçar uma Fenomenologia de cunho realista.

**Palavras-chave:** idealismo; giro idealista; Fenomenologia; Edith Stein

## 1-INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar a recepção do denominado “giro idealista” de Edmund Husserl (1859-1938) no pensamento da filósofa e fenomenóloga Edith Stein (1891-1942). Stein foi discípula e assistente de Husserl durante os anos de aproximadamente 1912 a 1922, contribuindo decisivamente na organização de algumas obras importantes do filósofo.

Diante do problemático embate entre a posição idealista e realista na Fenomenologia, o que se procura apresentar é como Stein – considerada uma das figuras centrais do movimento fenomenológico –, concebeu essa questão, explicitando sua crítica e sua concepção original diante do suposto “giro idealista” de seu mestre. Para esse propósito serão analisados alguns textos da filósofa considerados de importância crucial para compreender sua concepção a respeito do “giro idealista” de Husserl. Dessa forma, serão investigados os textos: “O Que é a Fenomenologia?” (*Was ist Phanomenologie?*, 1924); “O significado da Fenomenologia para a Visão de Mundo” (*Die Weltanschauliche Bedeutung Der Phänomenologie*, 1932); “A Fenomenologia” (*Der Phänomenologie*, 1932) e “A Fenomenologia Transcendental de Husserl” (*Husserls transzendente phänomenologie*, 1932). De forma geral, a filósofa expõe nesses textos sua concepção do método fenomenológico,

sendo que em alguns trechos discute a questão do idealismo. Portanto, a partir desses escritos pode-se depreender a interpretação de Stein em relação à suposta virada idealista de Husserl.

Para um entendimento mais profundo da questão exposta será analisado também o texto “Excurso sobre o idealismo Transcendental” (*Exkurs über den transzendentalen Idealismus*, 1932), que corresponde a um fragmento de sua obra “Ato e Potência” (*Potenz und Akt*, 1932). Além disso, trechos de sua grande obra “Ser finito e ser eterno” (*Endliches und ewiges Stein*, 1936) também serão pesquisados, mais precisamente alguns parágrafos da parte III; parte importante na qual Stein faz uma análise crítica a respeito da noção de essência. Nesses textos, além de promover uma crítica ao idealismo transcendental, a filósofa esboça traços do que poderia se chamar de uma “Fenomenologia realista transcendental” (BELLO, 2013).

Para uma compreensão profunda e adequada sobre a recepção do denominado “giro idealista” de Husserl no pensamento de Stein é preciso considerar em primeiro lugar alguns aspectos biográficos da filósofa. Uma característica peculiar de Stein é a profunda ligação entre suas experiências e seu pensamento, formando uma unidade indissociável entre vida e obra, o que se reflete na originalidade e lucidez de suas ideias. Ainda, a importante, senão significativa, formação filosófica na chamada escola fenomenológica diretamente com Edmund Husserl. Além de ter sido orientada pelo filósofo em sua tese de doutorado, “Sobre o problema da Empatia” (*zum problem der Eifüllung*, 1917), também se tornou sua assistente, realizando a transcrição de importantes textos para a Fenomenologia, tal como o segundo tomo de “Ideias para uma Fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica” (*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie zweites buch: Phänomenologische Untersuchungen zur Konstitution*, 1952) e “Lições

para uma Fenomenologia da consciência interna do tempo” (*Zur Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins*, 1928) (STEIN, 2002).

Em suas investigações é possível observar que a fenomenóloga assimilou e apreendeu o método fenomenológico com aptidão, realizando importantes análises fenomenológicas, principalmente em sua tese de doutorado sobre a empatia já citado e o tratado sobre psicologia e ciências do espírito (*Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*, 1922). Assim, percebe-se que a filósofa não se apropriou de forma passiva do método fenomenológico, longe disso, desenvolveu sua concepção original e autônoma do método husserliano.

Além da Fenomenologia de Husserl, Stein foi fortemente influenciada pela tradição escolástica, principalmente Tomás de Aquino, que se tornou também uma referência para a filósofa. Apesar de ter passado a se dedicar ao estudo da escolástica, Stein nunca abandonou o método fenomenológico, utilizando-o mesmo em suas investigações posteriores. Ainda, a pensadora procurou conciliar a Fenomenologia de Husserl com a filosofia de Tomas de Aquino<sup>3</sup>, promovendo um diálogo entre a tradição moderna e a filosofia católica (GOTO, 2009). Constata-se assim que a proximidade e o contato direto com os escritos de Husserl e a influência da tradição escolástica foram decisivos para o desenvolvimento da posição autônoma de Stein acerca da questão da posição idealista na Fenomenologia.

Diferentemente dos demais discípulos de *Göttingen*, que criticaram duramente o “giro idealista” de Husserl, Stein apresentou uma visão mais ponderada e precisa em relação a essa questão.

---

<sup>3</sup> Stein discute a relação entre a Fenomenologia de Husserl e a filosofia de Tomás de Aquino no seu texto de 1929 “A Fenomenologia de Husserl e a Filosofia de Sto. Tomás de Aquino” (*Husserls Phänomenologie und die Philosophie des hl. Thomas Von Aquin*, 1929), o qual foi elaborado em decorrência da comemoração do aniversário de 70 anos de Husserl.

Desse modo, a filósofa procurou compreender alguns pontos essenciais, dando credibilidade e coerência a algumas análises de Husserl, ao mesmo tempo em que buscou ir além, desenvolvendo sua posição crítica (BELLO, 2000).

Para um melhor esclarecimento dessas questões, o presente estudo será dividido em três momentos. O primeiro refere-se a um breve desenvolvimento da Fenomenologia de Husserl, buscando compreender como se deu a chamada “virada idealista” da Fenomenologia. Ainda, para entender a posição de Stein, é necessário considerar a questão do idealismo a partir da gênese do método fenomenológico. Em um segundo momento, será explicitado a interpretação da autora a respeito da “virada idealista” da Fenomenologia de Husserl. Para isso serão utilizados os textos citados anteriormente onde a filósofa expos claramente a sua concepção do método fenomenológico. Por fim, será apresentada a crítica empreendida por Stein, explicitando suas concordâncias e discordância em relação a Husserl.

## **2- A GÊNESE DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO E O “GIRO IDEALISTA” DE HUSSERL**

Com a publicação das “Investigações Lógicas” (*Logische Untersuchungen*) em 1900 e 1901, Husserl inaugurou a Fenomenologia dando início ao seu projeto filosófico que visava reformular a Filosofia, resgatando seu rigor científico. Na acepção do fenomenólogo, a investigação filosófica se encontrava imersa em relativismos (historicismo, naturalismo, psicologismo), o que fez com que a Filosofia perdesse crédito e o seu caráter de uma ciência rigorosa<sup>4</sup>. Dessa maneira, Husserl se dedicou arduamente a esse projeto e

---

<sup>4</sup> Husserl comenta mais diretamente essa questão no seu artigo “A Filosofia como Ciência de Rigor” (*Philosophie als strenge Wissenschaft*).

buscou aprimorá-lo com o intuito de alcançar um método rigoroso que possibilitasse uma fundamentação do conhecimento e da subjetividade, resgatando assim o verdadeiro sentido da Filosofia.

Devido aos questionamentos que foram surgindo ao longo do desenvolvimento de seu método, Husserl se viu diante da necessidade de amadurecê-lo, realizando para isso diversas reformulações. É nesse sentido que em 1913, Husserl publicou outra importante obra para a Fenomenologia, as “Ideias para uma Fenomenologia Pura e uma filosofia fenomenológica” (*Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, 1913). Nessa obra, o filósofo consolidou a Fenomenologia e o método fenomenológico e tentou esclarecer questões que haviam ficado ainda obscuras nas “Investigações Lógicas”, tal como a questão da consciência e as vivências<sup>5</sup> (BELLO, 2000).

No entanto, algumas dessas reformulações não foram bem aceitas pelos próprios discípulos de Husserl, que o criticaram imediatamente, causando até um afastamento do mestre. Os fenomenólogos da chamada “época de *Göttinger*” compreenderam essas reformulações como uma ruptura com a Fenomenologia desenvolvida nas “Investigações”. Para eles, passou a existir um abismo entre as “Investigações Lógicas” e as “Ideias”, pois a Fenomenologia desenvolvida na obra de 1913 estava em muitos sentidos, radicalmente distinta da apresentada nas “Investigações”.

No cerne dessa suposta ruptura entre essas duas obras é que aparece a questão do embate entre um idealismo e um realismo na Fenomenologia, gerado pelas diferentes reações entre os alunos de Husserl, mas que teve um papel fundamental no desenvolvimento do movimento fenomenológico. A crítica dos fenomenólogos de

---

<sup>5</sup> No prólogo da segunda edição das “Investigações Lógicas” Husserl comenta a respeito de algumas diferenças e semelhanças entre as “investigações” e “Ideias I”.

Göttingen em relação à denunciada ruptura entre as obras de 1900 e 1913 ficou conhecida como o “giro idealista” de Husserl. De acordo com eles, a Fenomenologia presente nas “Ideias” havia se convertido em um idealismo, rompendo com a considerada Fenomenologia realista das “Investigações”.

Dessa forma é possível colocar os seguintes questionamentos: o que ocorreu no intervalo entre a publicação dessas duas obras que fez com que os discípulos de Husserl concebessem uma diferença radical entre a Fenomenologia das “Investigações” e das “Ideias”? Porque os discípulos de Husserl o acusaram de promover um “giro idealista”? Em que consiste essa virada idealista da Fenomenologia? Para compreender essas questões é necessário abordar de forma breve o processo da gênese do método fenomenológico de Husserl.

As “Investigações Lógicas” de Husserl surgiram em decorrência dos problemas enfrentados pelo filósofo diante da sua busca de fundamentação filosófica da matemática. Em um primeiro momento, Husserl tentou fundamentar a matemática por meio da psicologia brentaniana. Na sua obra “Filosofia da Aritmética – investigações psicológicas e lógicas” (*Philosophie der Arithmetik - Psychologische und Logische Untersuchungen*, 1891) empreendeu essa tarefa, investigando os números por meio do ato psíquico de contar. No entanto, foi duramente criticado pelos logicistas, principalmente *Gottlob Frege* (1848 -1925), que denunciou a impossibilidade de fundamentar a lógica, uma ciência a priori, através de uma ciência empírica como a psicologia (GOTO, 2015).

Assim, ao perceber a impossibilidade de seu projeto psicologista, Husserl abandonou seu propósito de fundamentar a matemática e começou a se dedicar ao estudo da lógica-matemática e da teoria do conhecimento. A partir daí, acertou as contas com o psicologismo, promovendo uma crítica devastadora nos seus

“Prolegômenos à Lógica Pura” (*Prolegomena Zur Reinen Logik*). Ao desmoronar sua tese psicologista, Husserl desenvolveu seu próprio método de investigação, que batizou de Fenomenologia.

Dessa forma, a Fenomenologia inaugurada nas “Investigações Lógicas” surgiu com o intuito de ser um fundamento tanto para as ciências quanto para a filosofia. Buscando superar os relativismos e fundar um conhecimento seguro, como analisa Bello (2000), Husserl resgatou a ideia de verdade absoluta e promoveu com isso um retorno ao objeto (*Wendung zum Objekt*), o que fez sua filosofia ser qualificada como realista. Nesse sentido, alguns estudiosos da época viram na nascente Fenomenologia uma volta às filosofias tradicionais e uma alternativa em relação às áridas filosofias idealistas da época, como foi o caso do idealismo alemão.

No entanto, ao considerar as análises expostas em 1913, tem-se nas “Ideias” a definição de Fenomenologia como uma ciência eidética, a priori, que visa o estudo das essências dos fenômenos. De acordo com Husserl, esse projeto de uma ciência das essências já estava presente nas “Investigações Lógicas”, porém, o emprego do termo “ideia” que se fez nessa obra, gerou inúmeras confusões conceituais, principalmente quando o filósofo substituiu esse termo, exposto pela palavra alemã *Wesen* (essência) pelo grego *eidos* (BELLO, 2000). A compreensão do significado do termo *Wesen* (essência) empregado por Husserl é de extrema importância para compreender a crítica de Stein ao idealismo de Husserl, visto que a noção de essência está no âmago do embate entre idealismo e realismo no movimento fenomenológico. Portanto, cabe ainda investigar o que Husserl entendeu por essência.

Para a constituição de uma ciência das essências, Husserl nas “Ideias” realizou uma distinção entre fato e essência. Para o filósofo, a factualidade do mundo natural caracteriza-se pela contingência e



efetividade. No entanto, essa facticidade e efetividade são limitadas por uma necessidade eidética, o que evidencia o caráter essencial de todo contingente. Assim afirma Husserl: “‘essência’ designou, antes de qualquer coisa, aquilo que se encontra no ser próprio de um indivíduo como o que ele é. Mas cada um desses ‘o que’ ele é, pode ser ‘posto em idéia’” (HUSSERL, 2006, p. 35). Com isso, o filósofo propôs que toda “intuição empírica pode ser convertida em visão de essência” (HUSSERL, 2006, p. 35).

Com essa nova visão obtém-se um novo tipo de objeto (essência - *Wesen*) que será o foco da investigação fenomenológica. No entanto, a essência não pode ser captada por uma visão de tipo experiencial. Embora possa se basear em uma intuição empírica, a essência não é apenas individual, pois ela corresponde ao âmbito universal e geral. Como expôs o filósofo no § 4 de “Ideias”, o conhecimento de essência é independente do conhecimento de fato. A apreensão intuitiva da essência não implica em uma realidade individual existente. Ainda, como comentou o próprio Husserl: “puras verdades de essência não contêm a mínima afirmação sobre fatos” (HUSSERL, 2006, p. 39).

Ao evidenciar a validade de um conhecimento das essências, Husserl traçou o caminho da análise essencial. O filósofo propôs uma mudança de perspectiva que visa possibilitar a passagem da atitude acrítica e passiva, denominada de atitude natural (*natürlichen Einfellung*) para uma perspectiva analítica e reflexiva, denominada de atitude fenomenológica (*phänomenologifche Einfellung*). Tal intento somente é possível através de uma suspensão do mundo natural, isto é, a colocação entre parênteses da crença no mundo, o que Husserl denominou de *epoché* (SAN MARTIN, 1986).

No entanto, para alcançar o essencial na saída da atitude natural é necessário uma operação metodológica que esta relacionada com

a *epoché*, mas que é distinta dela: a redução (*Reduktion*). Husserl expôs a ideia de redução pela primeira vez nas suas “Lições” de 1907 que foram reunidas na obra “A Ideia da Fenomenologia” (*Die Idee der Phänomenologie*), sendo posteriormente abordada de forma mais sistemática em “Ideias”. Em síntese, pode-se dizer que a redução consiste no recurso metodológico que possibilita a apreensão do resíduo essencial do fenômeno (BELLO, 2000).

Dessa maneira, para se alcançar o *eidós* é preciso suspender e, ao mesmo tempo, reduzir o mundo natural, buscando obter o que Husserl (2006) chamou de “resíduo fenomenológico”. A partir dessas elaborações metodológicas, o filósofo se colocou diante do seguinte problema: a redução é uma operação realizada pelo sujeito, porém, esse mesmo sujeito não faz parte do mundo que esta sendo reduzido? O sujeito que realiza a redução deve ou não ser também reduzido? Husserl (1991) reapresentou esse impasse no § 53 de *Krisis* como o “paradoxo da subjetividade humana”, visto que o Eu (Ego) é simultaneamente sujeito e objeto para o mundo.

O fenomenólogo conclui que o “Eu” do fenomenólogo, ou seja, o “Eu psicológico”, o indivíduo real, o ser humano dotado de uma posição empírica no mundo, também deve ser “colocado entre parênteses” pela redução psicológico-fenomenológica. Assim, ao se reduzir o “Eu psicológico” e a consciência psicológica, restamos como resíduo a consciência pura e Eu puro (*reines Ich*), que não é dotado de qualidades sensíveis e sim transcendentais, pois agora o Eu se torna o centro de onde irradia as vivências e não o mundo em questão. Essa operação de redução no âmbito do sujeito consiste, como nomeou o filósofo, na redução transcendental. A partir desse momento, a Fenomenologia adentra um novo domínio de investigação, o âmbito transcendental, onde o foco da análise é o sujeito, Eu ou consciência transcendental.

Esse novo domínio de análise apresentado por Husserl foi entendido pelos discípulos de *Göttingen* como uma ruptura com o resgate da noção de verdade absoluta e retorno ao objeto (*Wendung zum Objekt*) no mundo apresentado nas “Investigações Lógicas” (BOER, 1969). Para os alunos de Husserl, a Fenomenologia apresentada “Ideias” estava em evidente contradição com a julgada Fenomenologia realista das “Investigações”, pois ao adentrar no âmbito transcendental, a Fenomenologia se converteu em uma espécie de filosofia idealista kantiana.

Nesse sentido, ao concentrar suas análises na investigação das estruturas da consciência, entendida como o fundamento do conhecimento e do próprio ser, Husserl foi acusado de promover um “giro idealista” na Fenomenologia, o que gerou o afastamento de vários de seus discípulos que não concordaram com essa suposta virada idealista.

### **3 - A COMPREENSÃO DE EDITH STEIN AO “GIRO IDEALISTA” DE HUSSERL.**

Dos alunos do círculo de *Göttingen*, Stein foi a que esteve mais próxima de Husserl. Após a transferência do filósofo para Friburgo, acompanhou seu mestre, se tornando sua assistente. Nesse período, entrou decisivamente em contato com importantes textos de Husserl (manuscritos) que exerceram influencia marcante nos seus primeiros escritos, assim como também em textos tardios.

A partir da análise dos textos onde Stein expõe a sua concepção de Fenomenologia, é possível verificar a interpretação singular apresentada pela fenomenóloga a respeito do “giro idealista” de seu mestre. Para a filósofa, enquanto o retorno ao objeto (*Wendung zum Objekt*) promovido nas “Investigações Lógicas” aproximou

a Fenomenologia da escolástica, o “giro idealista” apresentado nas “Ideias I” fez com que a Fenomenologia se assemelhasse à filosofia transcendental de Kant. É importante salientar que Stein não entende essa dupla semelhança como uma contradição, ou mesmo uma redenção, longe disso, pois para ela a Fenomenologia é a única filosofia que possibilita uma interligação entre essas duas correntes da filosofia.

Já em concordância com Husserl, Stein comenta que a Fenomenologia não incorre em um idealismo, porque na opinião da filósofa, o idealismo é, em verdade, uma convicção metafísica pessoal de Husserl e não fruto de uma análise fenomenológica. Como destacou Stein: “segundo minha opinião, o idealismo é uma convicção metafísica pessoal e de nenhuma maneira o resultado de uma investigação fenomenológica” (STEIN, 2012a. p. 46).

Para evidenciar a independência da investigação fenomenológica da posição idealista, Stein (2012a; 2012c) comenta que é possível utilizar o método fenomenológico para empreender uma Fenomenologia realista. Assim, ela cita os trabalhos de Adolf Reinach (1883 -1917) e Hedwig Conrad-Martius (1888 -1966) que desenvolveram uma Fenomenologia de cunho realista. Além disso, destaca que essa convicção metafísica idealista de Husserl não afetou os aspectos principais da obra do filósofo.

Apesar de aceitar o método fenomenológico de Husserl e aplicá-lo com maestria, Stein também se opôs ao seu mestre em alguns aspectos. Um dos pontos de oposição está acerca do debate entre idealismo e realismo na Fenomenologia. Em uma carta à Roman Ingarden de 03 de fevereiro de 1917, Stein revelou a seu amigo algumas discordâncias no que se refere a questão da constituição (STEIN, 1973). De acordo com a filósofa, a teoria da constituição deve considerar tanto a natureza física absolutamente existente, quanto a subjetividade e suas estruturas. Em outra carta, comentou

ter exposto suas heresias pessoalmente ao mestre em uma longa discussão que terminou com uma promessa de Husserl de analisar as objeções de sua discípula (BELLO, 2000).

Ao debater a questão da constituição, isto é, a ideia de que o mundo é constituído pelo sujeito por meio de seus atos a partir da subjetividade transcendental, Stein enfrenta um aspecto crucial do acusado idealismo de Husserl. A partir da noção de constituição, Husserl desenvolveu a então chamada “Fenomenologia Transcendental”, cuja tarefa principal é investigar a consciência transcendental e seus correlatos. A partir do estudo da consciência, têm-se condições de analisar os atos constitutivos através dos quais se constitui o mundo objetivo (STEIN, 2012b).

Diante disso, na contramão da crítica empreendida pelos fenomenólogos de *Göttingen*, Stein reconhece a importância da esfera da consciência e da constituição. Portanto, assim como Husserl, Stein concebe a ideia de que a consciência constitui o mundo por meio de suas vivências intencionais. No entanto, como destaca a filósofa, os alunos de Husserl entenderam que a análise constitutiva implicava na existência do mundo exterior como um mero dado para uma consciência, isto é, na qual a objetividade de dados existe somente para o sujeito (STEIN, 2012b). Dessa forma, essa interpretação da constituição representa o que os alunos de Husserl chamaram de “giro idealista”.

Para a filósofa, as análises de Husserl desvelou o nível do transcendental como o alicerce absoluto da filosofia, cujo foco de análise é a consciência transcendental, na qual constitui o mundo por meio de unidades de sentido. Com isso, Husserl institui a Fenomenologia Transcendental, que visa ser uma ciência fundamental (filosofia universal – *primma philosophia*) capaz de fornecer as bases para um conhecimento seguro (STEIN, 2012c).

Ainda, para Stein (2012c), a pretensão universal da Fenomenologia Transcendental permitiu que ela se encontrasse passagens com a filosofia tomista. A ideia de uma consciência transcendental que constitui o mundo parece inconciliável com o tomismo, para o qual a independência entitativa do mundo é inquestionável. No entanto, a autora coloca o seguinte questionamento: “é possível se apropriar da problemática da constituição fenomenológica – partindo da *philosophia perennis* – sem adotar ao mesmo tempo o que se veio a se chamar de idealismo transcendental da Fenomenologia?” (STEIN, 2012d. p. 82). Aqui Stein sugere a possibilidade de que a problemática da constituição seja independente de uma posição idealista, ou seja, é possível realizar uma análise constitutiva sem incorrer em um idealismo. A partir dessa questão, Stein traça sua crítica ao idealismo transcendental, desenvolvendo uma posição realista.

#### **4- A CRÍTICA DE EDITH STEIN AO IDEALISMO TRANSCENDENTAL: ESBOÇO DE UMA FENOMENOLOGIA REALISTA TRANSCENDENTAL.**

Considerado brevemente a interpretação de Stein ao “giro idealista” de Husserl discutida anteriormente, nota-se de imediato que a autora apresentou uma visão lúcida e ponderada, se distanciando das severas críticas de pronto dos fenomenólogos de *Göttingen*. Para a fenomenóloga, ao contrário do que interpretaram os alunos de Husserl, a análise constitutiva da consciência não deve resultar necessariamente em uma posição idealista, tal como apontava as críticas. Diferentemente, Stein (2012a) destacou que a investigação fenomenológica é independente de uma impostação idealista ou realista, podendo seguir ambas as direções, porém indo além. Assim, a filósofa, complementando o projeto husserliano, desenvolveu sua crítica ao idealismo transcendental indo em direção a uma Fenomenologia realista transcendental (BELLO, 2013).

É nesse sentido que Stein faz uma pertinente análise crítica do idealismo no seu “Excurso sobre o Idealismo Transcendental” (*Exkurs über den transzendentalen Idealismus*, 1932), que é um fragmento da obra “Ato e Potência” (*Potenz und Akt*, 1932). Nesse texto a filósofa procura mostrar que a análise constitutiva da consciência é compatível com a ideia de uma independência entitativa do mundo, isto é, para Stein (2005a), a investigação fenomenológica não implica necessariamente em um idealismo transcendental.

No texto a filósofa começa pela crítica ao idealismo filosófico, expondo o que considera o ponto nevralgico. Segundo Stein (2005a), o idealismo transcendental possui um resíduo irresolúvel e completamente irracional, isto é, o material da sensação que fundamenta toda a constituição. As filosofias idealistas desconsideram a base material da constituição, recusando a existência de um nível objetivo independente do sujeito. Essa questão constitui o núcleo da crítica de Stein, através da qual busca mostrar que a análise constitutiva deve considerar esse âmbito objetivo independente. Como destacou a própria autora:

*Por outro lado, o que com a mesma freqüência nos faz duvidar não é apenas a concepção de coisa e de ser por trás do projeto original, mas sim o fato de que este mesmo idealismo transcendental permanece com um resíduo insolúvel, não resolvido e totalmente irracional: o material da sensação pressuposta por toda constituição (STEIN, 2005a. p.20).*

É importante salientar que Stein desenvolve essa crítica dentro do âmbito da análise fenomenológica, utilizando o método fenomenológico e recorrendo à redução fenomenológica, porque para ela somente é possível superar o idealismo transcendental dentro do domínio fenomenológico. Sendo assim, ao investigar a base material da análise constitutiva, desconsiderada pelo idealismo transcendental, Stein empreende um rigoroso exame da relação

entre sensação, sujeito, objeto e atividade formadora do espírito (*Geist*). Para isso, a filósofa conjectura o papel do instinto, da liberdade e da consciência na relação entre esses elementos, buscando elucidar o resíduo irracional do idealismo transcendental que havia destacado (STEIN, 2005a).

Para Stein (2005a) é por meio da sensação que se entra em contato com diversos estímulos, isto é, dados sensíveis (fantasmas) que impressionam o sujeito. Esses estímulos desencadeiam um movimento de caráter instintivo, pois há aqui desencadeado uma reação e não um ato livre. Stein cita o exemplo do estímulo luminoso: a luz provoca um movimento dos olhos que constitui uma reação instintiva ao estímulo luminoso. No entanto, como um sujeito desperto espiritualmente, o indivíduo tem a capacidade de tomar consciência dessa relação entre estímulo e reação, o que abre a possibilidade do livre atuar. Portanto, diante do estímulo luminoso o sujeito pode ou não mover os olhos, denotando que ele tem a capacidade de realizar atos livres e conscientes (STEIN, 2005a).

Ademais, esses atos livres realizados pelo sujeito são delimitados objetivamente tanto pelo mundo exterior quanto pela própria corporeidade do indivíduo. A dimensão material impõe limites ao livre atuar do sujeito. Assim é que as características sensíveis dos objetos, cor, nitidez, estrutura e textura impõem um plano de realização dessas intenções. Depreende-se daí que as intenções não são totalmente voluntárias e indeterminadas, pois a materialidade inflige barreiras à livre atuação. Disso, conclui Stein (2005a), que a intencionalidade (consciência intencional) não é totalmente indeterminada, pelo simples fato de estar apoiada a partir de traços fundamentais que independem do livre atuar do sujeito.

É nesse ponto que Stein se depara com a questão da constituição, tal como Husserl expôs no Tomo II de “Ideias”,



que a relação do sujeito espiritual com o mundo se dá de forma constitutiva, isto é, o mundo é constituído pela consciência. Frente a isso, a filósofa coloca a seguinte questão: “Como entender que as sequências de atos que constituem as coisas atribuem ao mundo das coisas um ser independente das sequências mesmas?” (STEIN, 2005a. p. 25). Ao tentar responder esse questionamento, Stein procura elucidar como se estabelece a relação entre a constituição e sua base material.

Ao investigar a base material da constituição Stein (2005a) defende a noção de um mundo que existe por si mesmo. Em outras palavras, a filósofa sustenta a ideia de uma independência entitativa do mundo, ou seja, aquilo que é percebido por meio dos sentidos existe fora e independente do sujeito que percebe, pois continuará existindo quando deixar de ser percebido. É possível evitar perceber um determinado objeto, desviando os sentidos, porém é impossível dotá-lo de existência ou destruí-lo.

É interessante notar que esse apontamento colocado por Stein está em concordância com as análises de Husserl, como no texto “O mundo-da-vida – explicitações do mundo pré-dado e sua constituição”, textos que datam de 1916 a 1937, onde o filósofo afirma que: “O mundo nos é pré-dado. Se dirigirmos nosso olhar direta e ativamente até algo qualquer, este já estava aí, afetando-me, motivando-me para ‘voltar-se para’ e, assim pode agora ser diretamente captado.” (HUSSERL, 2008, p.26). Essa anuência ao mestre evidencia novamente o esclarecimento de Stein em relação ao método husserliano.

Ao aprofundar sua análise Stein amplia ainda mais sua investigação para outros domínios, onde a independência entitativa dos objetos é mais difícil de constatar, por exemplo, na vivência da memória e da imaginação. Por meio da vivência memorativa, se

intenciona objetos que não estão acessíveis aos sentidos (sensação) em dado momento. Ao recordar, aquilo que se encontra ausente, mas que estava presente em um momento anterior, é presentificado. Aqui, no âmbito memorativo a liberdade é muito mais ampla que no mundo real, mesmo que não se tenha uma liberdade completa, porque apesar de não exigir a presença atual do objeto, a recordação ainda está orientada e condicionada ao material percebido, sem o qual não poderia haver memória. Em outros termos, é necessária uma vivência perceptiva como vivência fundante para que possa haver a recordação (STEIN, 2005a).

No que se refere à imaginação, a liberdade é ainda mais ampla que na memória, o que eleva a dificuldade de conceber a sua independência dos objetos, pois os conteúdos imaginativos não possuem um correspondente empírico. As intenções imaginativas possuem ampla liberdade, visto que é possível criar uma variedade quase indefinida de objetos imaginativos. Contudo, a liberdade na imaginação também não é irrestrita, porque os conteúdos imaginativos também estão fundados em dados sensíveis, que não estão no poder do sujeito, pois são independentes dele (STEIN, 2005a).

Assim como a memória, porém de forma mais sutil, a imaginação depende das vivências perceptivas; por exemplo, para imaginar uma sereia é necessário primeiramente acessar os conteúdos perceptivos de mulher e peixe. Para demonstrar a limitação da imaginação, Stein (2005a) recorre a noção de essência, isto é, o que as coisas são em si mesmas. Para ela a essência dos objetos coloca um limite à criação imaginativa, porque apesar de ser possível imaginar livremente diversos tipos de árvores, por exemplo, não se pode distanciar excessivamente do que seja uma árvore, pois assim ela deixaria de ser o que é, perderia seu caráter eidético e não seria mais uma árvore.

A partir dessas breves considerações, Stein (2005a) conclui que a atividade livre sempre se apoia em uma base de processos que ocorrem de forma involuntária, isto é, que independe do sujeito. Assim, a vida intencional que constitui o mundo, ou seja, a subjetividade, esta atada objetivamente ao mundo. Stein (2005b) no seu texto “Causalidade psíquica” (*Psychische Kausalität*, 1922) mostra que as vivências intencionais são reguladas por leis motivacionais, as quais também são independentes do sujeito. Veja na simples incapacidade consciente e voluntária de transpô-las. Aqui a filósofa conclui que essas leis que regulam a consciência e sua vida intencional estabelecem um nível objetivo independente do sujeito. Na acepção de Stein o idealismo transcendental reduziu esse nível objetivo às leis da vida intencional, passando a interpretar a objetividade em função das leis da consciência (STEIN, 2005a).

Para colocar em cheque essa concepção idealista da objetividade delineada pelo idealismo transcendental, Stein analisa a concepção das mônadas como ser absoluto, apresentada por Husserl nas suas “Meditações Cartesianas” (*Cartesianische Meditationen*, 1973). Para a filósofa, não faz sentido atribuir o caráter de absoluto somente ao sujeito, e nesse ponto faz a seguinte colocação: “com que direito se atribui um ser absoluto ao sujeito, mas não as coisas materiais? (STEIN, 2005a. p. 35).

Portanto, Stein aponta que não é apenas a mônada que possui um caráter absoluto, pois o sujeito ao transcender a si mesmo, é revelado a ele outro sentido de absoluto, isto é, aquilo que é independente dele. Apesar de ser livre, a liberdade do sujeito está sempre alicerçada em uma não-liberdade que independe da sua vontade. Nesse sentido, o sujeito encontra-se atado em uma objetividade de duas maneiras: pelo que já está dado anteriormente e independente dele e pelas leis que regulam sua atividade (STEIN, 2005a).

Assim, a filósofa conclui enunciando que, em concordância com o idealismo, é correto afirmar que o mundo como nos aparece depende do sujeito que o capta. Entretanto, argumenta que o mundo não é apenas o que se mostra para nós, pois vai além da mera aparência, sendo independente do sujeito para o qual ele aparece. Com isso, Stein conclui que a análise constitutiva da consciência é perfeitamente compatível com a ideia de um ser das coisas independente dos atos constituintes do sujeito, evidenciando que a questão da constituição independe de uma posição idealista (STEIN, 2005a).

Ao constatar a compatibilidade da teoria da constituição com a ideia de uma independência entitativa do mundo, Stein, a partir daí, esboça sua Fenomenologia realista transcendental. A filósofa investiga a noção de essência e critica a posição de Husserl a respeito da relação entre ser essencial e ser real e, nessa perspectiva, se aproxima dos fenomenólogos de *Göttingen*, que também foram em direção a uma Fenomenologia de cunho realista. No entanto, é preciso dizer que ela foi para além de categorizações generalistas, tendo assim um caráter original e autônomo. E se distancia ao passo que mostra a importância da análise da constituição da consciência no processo de conhecimento.

A investigação a respeito da essência é realizada com plena excelência pela filósofa na sua obra fundamental “Ser Finito e Ser Eterno: ensaio sobre uma ascensão ao sentido do ser” (*Endliches und ewiges Sein. Versuch eines Aufstiegs zum Sinn des Sein*, 1936). No capítulo III da obra, a filósofa empreende uma profunda investigação acerca da questão da essência. A sua análise é fortemente influenciada pelas ideias de seus amigos fenomenólogos Hedwig Conrad-Martius e Jean Héring, como a própria autora declara no prefácio da obra, além de ser inspirada também pela tradição aristotélico-tomista. Diferentemente da posição de Husserl, para o qual o conhecimento

de essência é independente do conhecimento de fato, Stein (1994) argumenta que o ser atual-real também faz parte da essência, destacando o que ela chamou de “essência da essência”.

Husserl apesar de extrair o seu conteúdo da experiência sensível diz que o conhecimento das essências está para além da existência atual-real do objeto. É nesse sentido que o filósofo afirma: “puras verdades de essência não contêm a mínima afirmação sobre fatos” (Husserl, 2006.p. 39). Isso significa que para se captar algo pela intuição das essências não é necessário a apreensão empírica de um existente, pois pode-se realizar isso por meio de intuições imaginárias. Nesse ponto Stein ressalta que Husserl compreende que a generalidade faz parte do ser da essência, isto é, o *eidós* consiste apenas em uma generalidade que revela o conhecimento essencial do fenômeno. Nas palavras da filósofa:

*Husserl fala nas Ideias da possibilidade de extrair o quid de uma coisa individual da experiência pela percepção das essências (Wesensanschauung) ou pela ideação. Esta percepção particular e diferente de toda experiência toma seu conteúdo a partir do fato da experiência, sem considerá-lo como posição de experiência (Erfahrungssetzung) (a saber, a aceção da coisa como algo real); expõe este conteúdo como algo que poderia ser igualmente realizado por outra parte fora do contexto da experiência em questão. Para Husserl, a generalidade forma, portanto, parte da essência enquanto tal, apesar dos graus de generalidade dentro do campo da essência indicados igualmente por ele (STEIN, 1994. p. 101).*

Na análise de Stein (1994), a concepção de Husserl considera apenas um aspecto da essência, a saber, o ser essencial, não considerando a sua profunda ligação com a realidade (*innerlich zugehörige Verbindung zur Wirklichkeit*). É interessante notar que Stein mostra que a interpretação idealista de Husserl não se refere única e exclusivamente à questão do sujeito transcendental, como

acima apontado, mas também dele não ter considerado a realidade em sua amplitude e profundidade. Para a filósofa, a realidade não está aderida à essência, mas lhe é inerente, pois a essência somente pode ser considerada quando se realiza nas coisas; enfim, a realidade também faz parte do ser essência.

Ainda, no entendimento da filósofa, é nessa separação promovida por Husserl entre realidade e essência que se pode argumentar sobre uma posição idealista do filósofo. Nesse sentido, a divergência decisiva de Stein em relação ao seu mestre aparece na questão relativa ao ser essencial e real, principalmente ao desmembrar a essência de sua existência atual-real. Por fim, desenvolve sua posição realista transcendental, defendendo a consciência transcendental e a realidade que faz parte do ser essencial (HAYA, 1998).

## **5- CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante da análise da recepção do “giro idealista” de Husserl no pensamento de Edith Stein, concluiu-se que a filósofa não tomou uma atitude de crítica radical e precipitada, tal como seus amigos fenomenólogos. Ao contrário, buscou compreender os aspectos das investigações do filósofo, ao mesmo tempo em que foi além, discordando de seu mestre em alguns pontos essenciais.

Destacaram-se dois pontos principais nesse estudo. O primeiro ponto se refere à consideração que Stein teve na questão da constituição, na qual destacou que a mesma não era inerente a uma posição idealista. Ainda, mostrou que a análise constitutiva da consciência é compatível com a impostação realista e, a partir desse ponto, tratou de esboçar uma Fenomenologia de cunho realista transcendental. O segundo ponto, que se tornou decisivo para a posição de uma Fenomenologia realista transcendental, refere-se

à crítica que Stein faz da separação empreendida por Husserl entre o ser essencial e o ser real, porque para a filósofa, a realidade é inerente à essência, o que constitui a “essência da essência”.

Dessa forma, constatou-se a apreciação lúcida e crítica de Edith Stein a respeito da questão do suposto idealismo na Fenomenologia, evidenciado seu pleno entendimento do método fenomenológico. Ainda, Stein se opôs às severas críticas empreendidas pelos discípulos de *Göttingen*, apresentando uma visão mais ponderada a respeito do denominado “giro idealista” de Husserl. Nesse sentido, pode-se afirmar uma originalidade e precisão da crítica de Stein ao idealismo transcendental, o que denota a importância de sua posição autônoma para a Fenomenologia.

### **The Husserl’s “idealistic turn” and his reception at the thought of Edith Stein**

**ABSTRACT:** With the publication of the work “Logical Investigations”, the German philosopher Edmund Husserl (1859-1938) presented for the first time the Phenomenology. In the face of criticism by Husserl to philosophies that considered relativists, some scholars of the time saw in source Phenomenology a rescue to the idea of absolute truth and an approximation of the traditional philosophies, which caught the attention of many scholars who gathered around Husserl forming the called circle of Göttingen. Nevertheless, to deepen in their investigations, the philosopher concentrated the scope of research of Phenomenology on transcendental consciousness and the problem of Constitution. Before that, it was heavily criticized by his disciples, who accused him of a return to the idealistic philosophies, criticism that was became known as “idealistic turn”. Therefore, it is proposed in this article a discussion about the receipt of this Husserl’s “idealistic turn” at the thought of his disciple Edith Stein (1891 -1942). For such research were used some texts of the philosopher where she talks about this issue. From the analysis of the texts, it was noted that, unlike the other disciples, Stein presented a more weighted vision about the Husserl’s “idealist turn”. The philosopher has accepted some analysis of his master, nevertheless, went further and developed their autonomous conception, seeking to complement the husserlian project to outline a phenomenology of realistic stamp.

**Key-words:** idealism; idealistic turn; Phenomenology; Edith Stein

---

## REFERÊNCIAS

- BELLO, A. A. *A Fenomenologia do Ser Humano*. Tradução de Antônio Angonese. Bauru: EDUSC, 2000.
- BELLO, A. A. *Il senso delle cose – Per um realismo fenomenológico*. Roma: Lit Edizione, 2013.
- BOER, T. D. *The Meaning Of Husserl's Idealism in the Light of his Development*. *Analecta Husserliana*, v. II, n. 1, p. 322 -332, Abril 1969.
- GOTO, N. *O sentido da escola na Formação Humana: legado pedagógico de Edith Stein* (2009). Monografia- PUC-Minas, Poços de Caldas , 2009.
- GOTO, T. A. *Introdução à Psicologia Fenomenológica*. São Paulo: Paulos, 2015.
- HAYA, F. *El Marco Fenomenológico y El Realismo Metafísico en el Pensamiento de Edith Stein*. *Anuario Filosófico*, v. 31, p. 819-841, 1998.
- HUSSERL, E.. *La Crisis de las Ciencias Europeas y La Fenomenología Transcendental*. Tradução de J. Muñoz e S. Mas. Barcelona: Editorial Crítica, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Die Lebenswelt. Auslegung der Vorgegebenem Welt und ihrer Konstitution. Texte aus dem Nachlass (1916-1937)*. Edited by Rochus Sowa. New York: Springer, 2008.
- SAN MARTIN, J. *La estructura del método fenomenológico*. Madrid: UNED, 1986.
- STEIN, E. *La scelta di Dio – Lettere / 1917-1942*. Roma: Citta Nuova, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Ser Finito y Ser Eterno: Ensayo de una Ascensión al Sentido del Ser*. Tradução de A. P. Monroy. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Vida de una Familia Judía*. In: STEIN, E. *Obras Completas: Escritos Autobiográficos y Cartas*. Tradução de J. G. Rojo; E. G. Rojo, et al. Burgos: Editorial Monte Carmelo, v. I, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Excurso sobre El Idealismo Transcendental*. Tradução de Walter Redmond. Madrid: Ediciones Encuentro, 2005a.
- \_\_\_\_\_. *Causalidad Psíquica*. In: STEIN, E. *Obras Completas: Escritos Filosóficos*. Tradução de C. R. Garrido e J. L.C. Bono. Burgos: Editorial Monte Carmelo, v. II, 2005b.
- \_\_\_\_\_. *¿ Qué es la fenomenología*. In: STEIN, E. *La Pasión por La verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012a. p. 39-47.
- \_\_\_\_\_. *La Significación de la Fenomenología como Concepción del Mundo*. In: STEIN, E. *La Pasión por La Verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012b. p. 51-76.
- \_\_\_\_\_. *La Fenomenología*. In: STEIN, E. *La Pasión por La Verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012c. p. 91-99.
- \_\_\_\_\_. *La Fenomenología Transcendental de Husserl*. In: STEIN, E. *La Pasión por La Verdad*. Buenos Aires: Bonum, 2012d. p. 79-82.